

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA:  
OBJETO DIRETO ANAFÓRICO NO JORNAL A GAZETA (2008)**

*Priscilla Gevigi de Andrade* (UFES)  
[pri\\_gevigi@hotmail.com](mailto:pri_gevigi@hotmail.com)

**RESUMO**

A presente pesquisa, tendo por base os pressupostos da teoria da variação e da mudança linguística, de William Labov (2008), destinou-se a estudar o preenchimento da posição de objeto direto anafórico no jornal *A Gazeta* (2008), que circula no Espírito Santo. Pesquisas mostram que o clítico acusativo (pronomes pessoais do caso oblíquo) está em vias de desaparecimento, sendo, então, substituído por outras três variantes: o pronome lexical (pronomes do caso reto, nominativo), o sintagma nominal anafórico e o sintagma nominal apagado (categoria vazia). A fim de compreender e sistematizar essa mudança linguística, analisei as seguintes variáveis independentes nesse jornal: gêneros discursivos (editorial, artigo de opinião, carta do leitor, entrevista, notícias sobre cidades, coluna religiosa) e a animacidade do antecedente (animado ou inanimado).

**Palavras-chave:**

Objeto direto anafórico. *A Gazeta*. Teoria da variação e mudança linguística.

**1. Introdução**

A realização do objeto direto anafórico há algum tempo está entre os principais temas de investigação de vários pesquisadores brasileiros, tanto na modalidade oral da língua, quanto na modalidade escrita da língua.

Em estudos sociolinguísticos realizados sobre o português falado em diversas cidades do Brasil, dentre eles: Omena (1978), Duarte (1989), Cyrino (1994), Freire (2000), Marafoni (2004) e Costa (2011), constatou-se que não só os clíticos acusativos de terceira pessoa funcionavam como objeto direto anafórico, mas também o pronome lexical (pronomes do caso reto), o sintagma nominal anafórico (SN) e o sintagma nominal apa-

gado (categoria vazia) retomavam anaforicamente essa categoria, como nos exemplos a seguir.

**1) Clíticos acusativos de terceira pessoa:** “Sabe que o consumo movido a crédito é a alma do varejo brasileiro. Evite contrariá-la.”

**2) Pronome Lexical:** “Quem foi a vítima? Chicão. Ele estava atravessando o negócio, queria tomar a boca do Betinho. Aí, eu matei **ele**”.

**3) Sintagma Nominal Anafórico:** “Além de saber qual a população de pit-bulls, a intenção é agendar a castração dos bichos. Quem quiser pode agendar **a castração** pelo telefone 156”.

**4) Categoria Vazia:** (“Diante da facilidade, começou a pegar o dinheiro e depositar  $\emptyset$ ”).

Maria Eugênia Lamoglia Duarte (1989) afirma que o português brasileiro está passando por uma perda dos clíticos acusativos de terceira pessoa e os está substituindo pelo pronome lexical, pelo sintagma nominal anafórico ou por uma categoria vazia. Além disso, observa que os clíticos considerados corretos pelos gramáticos normativos têm sido os menos utilizados pelos falantes.

Diante disso, a presente pesquisa tendo por base os pressupostos da teoria da variação e da mudança linguística, de Wiliam Labov (2008), destinou-se a estudar o preenchimento da posição de objeto direto anafórico pelo clítico acusativo, o pronome lexical, o sintagma nominal e a categoria vazia. Analisamos, para isso, um corpus formado pelo jornal *A Gazeta*, no mês de julho, de 2008, circulado no Espírito Santo.

## 2. *Objetivos*

Pesquisas mostram que o uso de clítico acusativo é cada vez menos frequente na língua portuguesa e, portanto, está em vias de desaparecimento na língua falada. O objetivo, então, deste estudo, foi observar se esse processo de mudança linguística faz-se presente também na língua escrita, por meio da análise e sistematização das variantes mencionadas no jornal *A Gazeta* (2008). Foi objetivo, igualmente, observar a atuação de diferentes gêneros discursivos sobre o fenômeno em questão, bem como a animacidade do antecedente.

De modo geral, esta pesquisabuscou analisar quais as estratégias de preenchimento seriam utilizadas na língua escrita, especificamente na

linguagem jornalística e nos diversos gêneros que compõem os jornais capixabas.

### 3. *Revisão da literatura*

De acordo com as gramáticas prescritivas da língua portuguesa, os pronomes oblíquos átonos *o*, *a*, *os*, *as* assumem formas próprias do objeto direto.

Cunha & Cintra, em sua *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (2008, p. 302), registram o uso dos pronomes do caso reto *ele(s)* e *ela(s)* como objeto direto em sentenças como: *Vi ele* ou *Encontrei ela*. No entanto, afirmam que “Embora esta construção tenha raízes antigas no idioma, pois se documenta em escritores portugueses dos séculos XIII e XIV, deve ser hoje evitada”. Posterior a essa declaração, esses autores explicitam que as formas átonas (*o*, *a*, *os*, *as*) são “perfeitamente legítimas” para a função de objeto direto na oração sintática.

José Augusto de Carvalho (2007), em *Gramática Superior da Língua Portuguesa*, considera o emprego do pronome *ele(s)*, exclusivamente, como restrito à oralidade, e que apenas as formas (*o*, *a*) podem ser consideradas objeto direto de uma sentença. Além disso, registram que a ocorrência do pronome *ele(s)*, na modalidade escrita, ainda não representa um espaço nas gramáticas da norma culta da língua.

Rocha Lima (1972), em *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, procura não se envolver nessa discussão e somente menciona que o pronome *ele* acontece na posição de objeto direto quando preposicionado, e dá o seguinte exemplo “*Nem ele entende a nós, nem nós a ele*” (p. 284)

Evanildo Bechara (1978), em *Lições de Português pela Análise Sintática*, registra que o pronome *ele* pode aparecer na fala, contudo, numa linguagem culta, como objeto direto, quando for acompanhado do determinante “*todos*”, no plural. Como exemplo, ele cita “*Todos eles conserva o português*” (p. 51)

Tais considerações destacam como os gramáticos tradicionalistas desconsideram os estudos referentes à variação e às diferentes variedades linguísticas.

#### 4. Referencial teórico

Assume-se para este trabalho a perspectiva da sociolinguística variacionista de William Labov (1972) como suporte para nossos estudos. Segundo Alkmin (2005), a sociolinguística estuda a língua em seu uso real, preocupando-se em observar e analisar a língua falada em situações reais de uso, ou seja, no vernáculo – fala espontânea, levando em consideração as relações entre estrutura linguística e os aspectos sociais da produção linguística.

Para essa corrente, a língua é uma instituição social e, portanto, não pode ser estudada como uma estrutura autônoma, homogênea, independente do contexto situacional e cultural como as teorias linguísticas anteriores: o estruturalismo, de Ferdinand de Saussure, e o gerativismo, de Noam Chomsky, propuseram; pelo contrário, essa corrente, de acordo com (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 2006), descreve e analisa os fatores que impulsionam a variação linguística, e que, em muitos casos, levam a mudanças, verificáveis sistematicamente, tanto em períodos diacrônicos quanto em sincrônicos, considerando a língua inerente à sociedade e heterogênea.

A teoria da variação tem como objeto de estudo a variação,

entendendo-a como um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente [...] “nem todas as mudanças [linguísticas] são altamente estruturadas, e nenhuma mudança acontece num vácuo social. Até mesmo a mudança em cadeia mais sistemática ocorre num tempo e num lugar específicos, o que exige uma explicação. (LABOV, 2008, p. 20, *apud* MOLICA, 2007, p. 10).

Para isso, é preciso isolar contextos linguísticos e extralinguísticos em que determinada variação ocorre, para sistematizar e entender as restrições e as motivações que a condicionam. Assim, pode-se verificar a afirmação de Fernando Tarallo (1986, p. 57) sobre a concepção de língua para a sociolinguística: “a língua é, portanto, um sistema variável de regras [...] e a esse sistema [...] deve corresponder tentativas de regularização”.

Essa teoria também estuda a mudança linguística em curso. Sobre isso, Labov (1972, p. 160) elenca cinco questionamentos:

- 1) Existe uma direção genérica na evolução linguística? 2) Quais são os determinantes universais da mudança linguística? 3) Quais são as causas do surgimento contínuo de novas mudanças linguísticas? 4) Quais são os mecanismos dessas mudanças? 5) A evolução linguística tem uma função adaptativa?

Para explicá-los, Labov menciona que o sociolinguista deve observar o caminho por onde a mudança evoluiu, buscar os fatores sociais e linguísticos os quais a mudança se realiza e avaliar a fala do emissor relacionada ao seu comportamento linguístico. A língua, portanto, “é uma forma de comportamento social: ela é usada por seres humanos num contexto social, comunicando suas necessidades, ideias e emoções uns aos outros”. (LABOV, 2008, p. 215)

## 5. Metodologia

De acordo com F. Tarallo (1986, p. 10 e 11) a sistematização da variação linguística pode ser, de maneira resumida, organizada a partir das seguintes etapas metodológicas:

1. Levantamento de dados;
2. Descrição detalhada da variável dependente;
3. Análise dos fatores condicionadores (linguísticos e extralinguísticos);
4. Encaixamento da variável no sistema linguístico
5. Projeção histórica da variável

Partindo desses princípios, foi analisado o preenchimento da posição de objetivo direto anafórico nos diversos gêneros discursivos (editorial, artigo de opinião, carta do leitor, entrevista, notícias sobre cidades, coluna religiosa), e animacidade do antecedente (animado ou inanimado) presentes no jornal *A Gazeta* (2008).

Para se obter resultados estatísticos dessa análise, codifiquei todos os dados e estabeleci uma análise quantitativa por meio do programa computacional GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), a versão recente do pacote de programas VARBRUL (PINTZUK, 1988). Este é “um conjunto de programas de análise multivariada, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolinguística.” (GUY; ZILLES, 2007, p. 105). O programa Varbrul

mede os efeitos, bem como a significância dos efeitos dessas variáveis independentes sobre a ocorrência das realizações da variável que está sendo tratada como dependente. [...] O programa também permite ao pesquisador testar várias hipóteses possíveis sobre a natureza, o tamanho e direção dos efeitos das variáveis independentes. (GUY; ZILLES 2007, p. 105)

## 6. Resultados

Como primeiros resultados, em exemplares do jornal *A Gazeta* (2008), do mês de julho, constatou-se que os clíticos correspondem a 42% dos casos de objeto direto anafórico. O sintagma nominal anafórico apresenta uma frequência de 46,7%, a categoria vazia, 8,2% e o pronome lexical, 3,1%. Observa-se, então, a preferência do uso do sintagma nominal anafórico na retomada do objeto direto e a redução do emprego do clítico de terceira pessoa na função acusativa. Segue abaixo a tabela, com a frequência geral dos gêneros discursivos presentes no jornal *A Gazeta* – 2008.

Gênero Discursivo	Clítico	SN	Pron. Lexical	Categoria Vazia
<b>Notícia cidade</b>	40%	52,9%	6,5%	6,5%
<b>Artigo de Opinião</b>	78,6%	14,3%	0%	7,1%
<b>Coluna religiosa</b>	25%	0%	75%	0%
<b>Editorial</b>	72,7%	0%	18,2%	9,1%
<b>Carta do leitor</b>	44,4%	0%	38,9%	16,7%
<b>Entrevista</b>	12,5%	31,2%	43,8%	12,5%
<b>Total</b>	42,0%	46,7%	3,1%	8,2%

Tabela 1: Frequência geral da variável: gênero discursivo nos jornais *A Gazeta* (2008)

Os gêneros discursivos presentes nesse jornal exercem forte influência no uso de uma forma em detrimento das outras: ao contrapormos o uso de clíticos a sintagmas nominais anafóricos e categorias vazias (juntas em uma única variante), observamos que os gêneros artigo de opinião (78,6%), editorial (72,7 %) e carta do leitor (44,4%) favorecem essa forma. Enquanto que, as notícias sobre cidades (52,9%) favorecem o uso do sintagma nominal.

Outro fato a se destacar é a presença de pronomes lexicais, isto é, de pronomes do caso reto, apenas no gênero entrevista, quando há a inserção de discurso direto, retratando a fala.

Animacidade	Clítico	SN	Pron. Lexical	Categoria Vazia
<b>Animado</b>	55,5 %	33,6 %	6,7 %	4,2 %
<b>Inanimado</b>	30,1 %	58,1 %	0%	11,8 %
<b>Total</b>	42,0 %	46,7 %	3,1 %	8,2 %

Tabela 2: Distribuição das variantes de acordo com a animacidade do antecedente no jornal *A Gazeta* (2008)

Na tabela apresentada acima, com os valores percentuais das variantes de acordo com a animacidade do antecedente, percebe-se que os clíticos e o pronome lexical são favorecidos pelo antecedente animado

(55,5%) e (6,7%) respectivamente. Já o SN e a categoria vazia são favorecidos pelo antecedente inanimado (58,1%) e (4,2%) respectivamente. Por haver poucos casos de pronome lexical no corpus, não houve variação entre essa forma variante e o traço semântico inanimado do antecedente.

## 7. Considerações finais

Num primeiro momento da pesquisa, verifica-se que a modalidade escrita da língua se comporta de modo diferente da falada quanto ao uso de objetos diretos anafóricos, já que os clíticos e os sintagmas nominais anafóricos são as formas com maior frequência. Por outro lado, na fala, o clítico está em vias de desaparecimento e a categoria que o está substituindo, demodo mais enfático, é a categoria vazia, pouco frequente na modalidade escrita, ao menos na escrita jornalística.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECHARA, Evanildo. *Lições de português pela análise sintática*. 11. ed. Rio de Janeiro: Grifo, 1978.

CARVALHO, José Augusto. *Gramática superior da língua portuguesa*. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2007.

COSTA, Tatiane Macedo. A mudança linguística em dados documentais: uma análise do objeto direto anafórico em periódicos baianos dos séculos XIX e XX. *Anais do VII Congresso Internacional da ABRALIN*. Curitiba, 2011.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

CYRINO, Sonia M. L. *O objeto nulo no português brasileiro: um estudo sintático-diacrônico*. 1994. – Dissertação (de Mestrado), UNICAMP, Campinas.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. In: TARALLO, Fernando (Org.) *Fotografias sociolinguísticas*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1989, p. 19-34.

FREIRE, G. C. *Os clíticos de terceira pessoa e as estratégias para sua substituição na fala*. 2000. – Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

GUY, Gregory R.; ZILLES, Ana. *Sociolinguística quantitativa*. São Paulo: Parábola, 2007.

LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

\_\_\_\_\_. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.

LIMA, Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 15. ed. ver. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.

MARAFONI, R. L. *A realização do objeto direto anafórico: um estudo em tempo real de curta duração*. 2004. – Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

MENON, Odete P. S; LAMBACH, Jane B; LANDARIN, Noely R. X. N. Alternância nós/a gente nos quadrinhos: análise em tempo real. In: RONCARATI, Claudia; ABRAÇADO, Jussara. (Org.). *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003, p. 96-105.

OMENA, Nelize Pires de. *Pronome pessoal de terceira pessoa. Suas formas variantes em função acusativa*. 1978 – Dissertação (Mestrado). PUC-Rio, Rio de Janeiro.

PINTZUK, Susan. *Pacote Varbrul*, Versão 1988.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali A.; SMITH, E. Goldvarb X. *A multivariate analysis application*. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics. 2005. Disponível em: <[http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV\\_index.htm#ref](http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV_index.htm#ref)>.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1986.